

A FOLHA

Nova Iguaçu, 23 de março de 1975

Quando o dedo aponta para a lua, o tolo olha para o dedo

— “O que é que distingue o cristão do não-cristão?” Ana Maria fez a pergunta, pôs o microfone no meu nariz e ficou esperando a resposta. Não sei mais o que lhe respondi, mas sei que fiquei embaraçado e que a pergunta ficou dando voltas em minha cuca.

E você, amigo leitor, que responderia àquela garota de 15 anos, apenas preocupada em cumprir a tarefa recebida da professora: entrevistar alguém sobre “se a comunidade cristã tem uma identidade espiritual e cultural próprias”.

Percebendo meu embaraço, a menina desligou o gravador, apertou o retrocesso para começar tudo de novo e repetiu a pergunta, com olhar irônico: “o que é que distingue o cristão do não-cristão?”

Esta é uma questão antiga, Ana Maria. Milhares de vezes foi feita aos cristãos, desde o começo. Nos primeiros séculos, gerações inteiras de cristãos tiveram de identificar-se diante dos juízes. E a resposta valia a morte ou a vida. Acusavam os cristãos de serem ateus, porque não adoravam os deuses oficiais do paganismo, de serem inimigos da sociedade e de outras coisas.

Vou ler para você a resposta de um deles que ficou clássica. É uma página que escreveu a seus concidadãos para defender os cristãos dos crimes de que os acusavam. Na literatura cristã, chamam-na de Carta a Diogneto:

“Os cristãos não se distinguem dos demais homens nem por sua terra nem por sua língua nem por seus costumes. Não habitam em cidades exclusivamente suas, nem falam uma língua estranha, nem levam um gênero de vida separado dos demais. Habitando em cidades diversas, segundo a sorte que coube a cada um, e adaptando-se em vestimenta e comida e todo o gênero de vida aos costumes e usos de cada país, dão mostras de conduta peculiar, admirável, e, por confissão de

todos, surpreendente. Habitam em suas próprias pátrias, mas como forasteiros. Toda terra estranha é para eles pátria. E toda pátria, terra estranha.

Casam-se como todos. Como todos geram filhos, mas não abandonam os que nascem. Usam mesa comum, mas não leito. Obedecem às leis estabelecidas, mas com suas vidas ultrapassam as leis. A todos amam e por todos são perseguidos. São desconhecidos e condenados. São mortos e nisso se lhes dá a vida. São pobres e enriquecem a muitos. Carecem em tudo e abundam em tudo. São desonrados e na mesma desonra glorificados. Vituperam e eles bendizem. Injuriam-nos e eles honram. Fazem o bem e são castigados como malfeitores. Castigados de morte alegram-se como se lhes dessem a vida... Pelos judeus são combatidos como estrangeiros. Pelos pagãos são perseguidos. Todavia os mesmos que os aborrecem não sabem dizer o motivo de seu ódio. Para dizê-lo em poucas palavras: o que é a alma no corpo, isso são os cristãos no mundo. Tal o lugar que Deus lhes assinalou e não lhes é lícito desertar dele”.

— Curioso, disse Ana Maria, no fim da leitura. Ele não falou de missa dominical, de missa de 7º dia, de terço, batismo, medalhas, procissões, fitas, templos, capelas, catedrais, Bíblia, novenas, velas, peregrinações, milagres, aparições, padres, pastores, freiras, bispos, monges, frades, imagens, de todas estas coisas que para nós constituem o mundo cristão e sem as quais parece que deixamos de existir.

— Os primeiros cristãos tinham certamente suas práticas. Diferentes das nossas, mas tinham. A gente sabe pela história. Mas tudo isso é secundário. Antes de mais nada ser cristão é uma atitude na vida: atitude de relação fraterna com os homens e de ação de graças a Deus. Se a gente perde isso o resto perde o sentido. Quando o dedo aponta para a lua, o tolo olha para o dedo, diz o povo. Não façamos como o tolo.

CATABIS & CATACRESES

Cristo vai resolver as nossas barbeiragens?

1. O negócio é o seguinte: pra todo este embrulho haverá remédio, purgante, vomitório, clister?

2. Um doutor disse que tem sim senhor. E deu a receita: segurança e desenvolvimento. Mas doutor, segurar pra quê? desenvolver pra quê?

3. Aí o outro doutor falou que sim senhor. E disse que o problema era a explosão demográfica. Donde a solução era pílula, diu, guerra atômica, fornos crematórios como solução final. Mas doutor, o restinho que fica tá também bichado, doutor. Ou não?

4. O doutorzinho recém-formado, -informado, -deformado, por ora ainda inconformado (aguarda, brasilino, que com pouco ele adere ao estabelecimento), o doutorzinho pontificou que tá na cara que se deve mudar as estruturas. E

ao depois doutorzinho, quando vosmecê estiver montado no cavallinho das estruturas?

5. O doutor em nostalgia virou-se pra Idade Média e, esquecendo umas tantas feiúras medievais, disse que o mal foi a Renascença, pior mal a Revolução Francesa, péssimo mal o Vaticano II. E pediu fogo do céu pra essa geração pecaminosa da qual só ele faz a honrosa exceção. Modesto, né?

6. Enfim a solução pra quem procura com sinceridade, sofrendo na carne as dores próprias e as dores do irmão: “Para a gente ficar livre é que Cristo — o tal homem de Nazaré, sabe? — nos libertou”. Só há um só Deus. E só há um só intermediário entre Deus e a gente: Cristo que é Deus e homem, o qual morreu na cruz e ressuscitou pra resolver as nossas barbeiragens, tá?

IMAGEM DA HUMANA MISÉRIA

1. A morte dele na cruz, leitor emascarado, é um problema pra muita gente. Andam com ele no peito e no bolso, e daí? Daí nada. Tanto assim que o peito continua amamentando ódios e mentiras. E no bolso continua entrando, saindo, entrando, saindo toda espécie de moeda suja. Com ele enfeitam tribunais e câmaras, salas e salões, gabinetes e consultórios, entradas e saídas, igrejas e hotéis, cruces e crucificados de todo tamanho e matéria: pra que, sim, pra quê? se tudo continua no mesmo. Pra quê?

2. A morte dele na cruz deveria ser a solução de todos os nossos problemas, leitor desmascarável. Solução pra nossas angústias e pra nossas dores. Solução pra nossas mentiras e pra nossas injustiças. Solução pra nossas covardias e pra nossas omissões. Solução pra nossa mesquinhez e pra nosso esbanjamento. Sobe ao Everest, leitor. Sobe mais alto. E do alto contempla a multiforme paisagem da miséria humana, tuas misérias, minhas misérias, as misérias concentradas de todos os séculos e de todas as gerações.

3. E a solução de luz e de amor, de paz e de unidade, a solução de esperança e otimismo, de fraternidade e justiça, a solução de fraternidade, a solução que tu sonhas e esperas, a solução que no crepúsculo do teu dia lobrigas sem conhecer, sim, leitor emascarado e desmascarável, a solução vem da cruz, desta cruz vulgarizada e esvaziada, desta cruz sem sentido, desta cruz de todos os peitos e bolsos, de todas as paredes e recintos. Sim, da cruz. Contanto que concedas tua condição de máscara. Concederás? (A. H.).

QUESTÕES ATUAIS

O grande escândalo

O fenômeno universal do sofrimento — O realismo da Igreja — O escândalo da cruz — Cruz, mistério da fé — A lição de S. Paulo — A cruz como identificação com Jesus Cristo — Fugir à cruz: uma tentação da Igreja — A palavra final é ressurreição.

A FOLHA:

Durante a Quaresma e ainda mais na Semana Santa a Igreja acentua a renúncia, a penitência, o sofrimento, a cruz e a morte com uma insistência que parece exagerada para muita gente. Não estará nessas atitudes negativas, que já foram atacadas muitas vezes no correr da história, um dos motivos do fracasso do Cristianismo na vida de cada dia? Quem é que suporta a idéia de sofrer para ser feliz?

D. ADRIANO:

O sofrimento está em toda a parte, ao redor de nós, perto e longe, corporal e espiritual, culpado e inocente, culminando com este máximo e incontornável sofrimento último que é a morte. Podemos discutir a razão do mal. Podemos discutir a conveniência ou inconveniência de um mundo tão marcado pelo sofrimento. Erro da divindade? Defeito de construção? Fatalidade? O que não podemos negar é a presença do sofrimento e do mal em todas as épocas da humanidade e em todas as situações de nossa vida.

A Igreja parte desta situação concreta.

E procura à luz da mensagem de Jesus Cristo valorizar certos aspectos do sofrimento e da cruz, com a perspectiva da felicidade definitiva. A Igreja olha o sofrimento com olhos de fé. De fato aqui não há chance nenhuma para uma consideração meramente filosófica ou humanista da cruz. O sofrimento tem um aspecto existencial e ético que nenhuma filosofia e nenhum humanismo compreende e aceita.

A cruz é um mistério da fé.

S. Paulo tem palavras soberbas sobre este assunto: "Cristo não me mandou batizar mas anunciar a boa-nova (o evangelho), sem recorrer à sabedoria da linguagem, para não desvirtuar a cruz de Cristo. Na verdade, para os que se perdem, a palavra "cruz" é loucura; mas para os que se salvam — para nós — é poder de Deus" (1Cor 1,17-18). A cruz é uma loucura, uma coisa de malucos e de idiotas. Paulo, e com ele todos os cristãos, se empolgam tanto com o mistério da cruz que podemos exclamar: "Os judeus reclamam sinais, os gregos procuram filosofia, mas nós anunciamos um Cristo crucificado que é escândalo para os judeus e uma loucura para os gregos" (1Cor 1,22-23). Mais: "Entre vocês eu não quis saber nada a não ser Jesus Cristo e Jesus Cristo crucificado" (1Cor 2,2).

O que Paulo e outros autores sagrados ensinaram, o que todos os cristãos de todos os tempos têm vivido não é senão o comentário e a explicitação da mensagem de Cristo: "Não pensem que eu vim trazer paz à terra. Não vim trazer paz e sim a espada. Porque vim para opor o homem ao pai, a filha à mãe, a nora à sogra; vai-se ter por inimigo gente da própria família. Quem ama pai ou mãe mais do que a mim não é digno de mim; quem ama filho ou filha mais do que a mim não é digno de mim. Quem não torna a sua cruz e não me segue não é digno de mim. Quem quiser conservar a sua vida, acaba perdendo-a; e quem por amor de mim perder a vida, acaba encontrando-a" (Mt 10,34-39). Poderá haver mais clareza? e também mais conteúdo para o verdadeiro valor do sofrimento? O essencial do sofrimento, para o cristão, está na pequena cláusula "por amor de mim". Esta identificação com Cristo, tanto no sofrimento como aliás na alegria e em tudo o mais, é o que valoriza a nossa humanidade com valor definitivo. Há nisto também um aspecto inegável do espírito comunitário do ser humano. Com Jesus Cristo formamos uma comunidade. Na expressão de S. Paulo: somos o corpo de Cristo (cf. 1Cor 12,27; Col 1,18).

A Quaresma e a Semana Santa, cada ano, estão dentro de um contexto muito mais amplo e profundo: a própria condição humana e o mistério da cruz de Cristo que veio libertar o homem. A Igreja, como expressão e anúncio do mistério da cruz, não pode fugir à sua missão nem negar Jesus Cristo crucificado. Esta é uma tentação que ameaça a Igreja, certo, cada um de nós. Sempre de novo, sob mil pretextos, o espírito do mundo que habita em nós, num perpétuo desafio à graça, nos convida a renegarmos a cruz de Cristo para andarmos caminhos fáceis. Que sobrarão então do Cristianismo? De outro lado convém lembrar que a cruz não é a palavra definitiva e última. A palavra última, definitiva é a ressurreição.

A FOLHA

Ano 3 - 23 de março de 1975
Nº 145

Publicação Litúrgica sem fins lucrativos da
Mitra Diocesana de Nova Iguaçu.

Mitra Diocesana de Nova Iguaçu.
Rua Mal. Floriano Peixoto, 2262.
Caixa Postal 22.
26.000 Nova Iguaçu, RJ.

Utilidade Pública — Lei 6.311 de 25 de
setembro de 1970.

Composto e impresso nas oficinas gráficas
da Editora VOZES Limitada. Petrópolis, RJ.

PARA VOCÊ PARTICIPAR DO CULTO DOMINICAL

domingo de ramos — 23 de março de 1975

O Rei Jesus

C = Comentarista; L = Leitor; D = Dirigente; T = Todos.

1. CANTO DE ENTRADA

Oi, louvai ao Senhor nosso Deus
Por tudo aquilo que Ele nos fez!

Ele nos reuniu no Amor de Cristo
E é sempre fiel ao seu povo Santo!

Ele nos deu o seu próprio filho...
E cumpriu sua palavra de Salvação!

Ele está presente na nossa História
E caminha à frente do seu povo em
marcha!

Ele nos alimenta em nossa caminhada
E faz da nossa morte Vida e Ressur-
reição!

2. ACOLHIDA E BÊNÇÃO DOS RAMOS

C. Já de manhã, bem cedinho, os vizinhos e amigos de Valter estão trabalhando para pôr a lage em sua casa. À hora do almoço, estão todos felizes com a lage pronta e celebram, comendo e bebendo, a vitória de Valter que lutou meses e meses para conseguir isso.

Quantos, como o Valter, estão lutando para ter casa própria e ainda não conseguiram? Por quê?

(Silêncio... vamos pensar...).

C. Hoje, celebramos o domingo de Ramos. Lembramos a última vez em que Jesus foi a Jerusalém. Ele entra na cidade vitorioso porque está completando a obra que o Pai lhe confiou. Todos do povo se alegram com essa vitória de Jesus e dão vivas a Ele.

Estrilho:

T. Viva Jesus, nosso Rei!
Bendito aquele que vem
em nome de nosso Deus.
Viva Cristo, libertador do povo!

3. D. Trecho do Evangelho de Jesus segundo Mateus (21,1-11).

L1. Jesus, com seus companheiros, aproximou-se de Jerusalém. Chegando perto do Monte das Oliveiras Jesus, então, falou a dois dos seus discípulos:

L2. Vão para a aldeia que está à frente de vocês. Vocês encontrarão lá uma jumenta amarrada e, junto com ela, um jumentinho. Desamarrar esses animais para os trazer até aqui. Se alguém falar alguma coisa, respondam: — "O Senhor precisa desses animais. Ele os mandará logo de volta".

L1. Isto aconteceu para se realizar o que disse o profeta:

L2. Digam para a filha de Jerusalém: "O seu rei vem até você de um modo hu-

milde. Ele vem montado num jumentinho, filho de quem carrega sobre si muito peso".

T. Viva Jesus, etc.

L1. Os discípulos foram e fizeram como Jesus mandou. Trouxeram para ele a jumenta e o jumentinho. Então cobriram esses animais com peças de suas roupas. Jesus sentou-se em cima do animal. Existia ali muita gente. As pessoas começaram a estender peças de suas roupas no caminho para Jesus passar. Outras pessoas cortavam ramos de árvores e os atiravam no caminho. Uma multidão de pessoas ia na frente de Jesus e outra multidão ia atrás. Essas pessoas gritavam:

T. Viva Jesus, etc.

L1. Ao entrar em Jerusalém, todas as pessoas ficavam curiosas. Perguntavam:

L2. Quem é este homem?

L1. E a multidão respondia:

L2. Este é o profeta Jesus que veio da cidade de Nazaré, da região da Galiléia.

T. Viva Jesus, etc.

T. Hoje entra em Jerusalém / o príncipe da Paz. / A multidão canta louvores a ele, / chamando-o de filho de Davi, / descendente do mais importante / e humilde rei de Israel. / O povo espalha no caminho / peças de roupa, / ramos de árvores e folhagens. / Todos ficam tão animados / que continuam atrás dele até o templo, / cantando e dando vivas.

C. Vamos todos aclamar.

T. Viva Jesus, etc.

D. O Senhor esteja convosco.

T. Ele está no meio de nós.

D. Abençoe, Senhor, estes ramos pois queremos com eles aclamar teu filho, Jesus Cristo, libertador do nosso povo. Que nossa alegria seja força e coragem para nos comprometer naquilo que a tua justiça quer mudar. Por nosso Salvador, Jesus Cristo, te pedimos.

4. PROCISSÃO DE RAMOS

5. ATO DE RECONCILIAÇÃO

C. Pilatos perguntou a Jesus: — Você é o rei dos judeus?

Jesus responde: Eu o sou.

Entretanto, Jesus estava no Tribunal de Pilatos para ser julgado por muitas acusações que faziam contra Ele. Você sabe que Jesus era acusado de comer com pecadores, de conversar com prostitutas, de condenar leis que não respeitavam as pessoas, de combater a religião só exterior?

— Quantas pessoas conhecemos que são acusadas, caluniadas e até presas por defenderem a mesma verdade?

(Silêncio... Vamos pensar...).

T. Senhor, tende piedade de nós.

D. Muitos entre nós lutam para ter casa própria e apesar de todos os sacrifícios não chegam a essa vitória.

Por que isso?

(Silêncio... Vamos pensar...).

T. Senhor, tende piedade de nós.

D. Há pessoas que exploram seus semelhantes no trabalho, não consideram os outros com o devido respeito. Entretanto, vão à igreja, fazem suas devoções, dão esmolas. Por que será que tantos cristãos freqüentam a igreja e não querem mudar de vida?

(Silêncio... Vamos pensar...).

T. Senhor, tende piedade de nós.

6. ORAÇÃO

D. Senhor Deus, tu olhaste o nosso sofrimento e nos mandaste um libertador — Jesus Cristo. Livres dos erros do passado tenhamos a coragem de trabalhar para transformar o mundo que vivemos.

7. I LEITURA

C. Servir os outros é muitas vezes pagar o preço da justiça e da verdade. Cristo pagou muito caro nossa passagem para a liberdade e o amor. Quem de nós cristãos está bem consciente do alto preço que nós, a Igreja, teremos de pagar se quisermos servir à libertação dos pobres, oprimidos e deserdados da vida?

Flp 2,6-11: "Ele, subsistindo na condição de Deus, não entendeu reter para si o ser igual a Deus. Mas despojou-se a si mesmo, tomando a condição de servo, feito semelhante aos homens. E, sendo reconhecido no exterior como homem, humilhou-se, feito obediente até à morte, até à morte da cruz. Pelo que também Deus o exaltou e lhe outorgou o nome que é sobre todo o nome. Para que, ao nome de Jesus, se dobre todo o joelho de quantos há nos céus, na terra e nos abismos. E toda a língua confesse que Jesus Cristo é Senhor, para glória de Deus Pai". — Palavra do Senhor.

8. MEDITAÇÃO

T. Cristo, tu és nosso Rei.

Tu completas na pobreza e na perseguição a libertação de teu povo. Onde está tua Igreja? Onde está o compromisso dos cristãos com o povo?

A desculpa da ordem estabelecida

Sempre houve e sempre haverá os que são a favor da manutenção da ordem estabelecida e os que são a favor das mudanças. Estes últimos não recusam a ordem, pois sem ordem jurídica não há segurança nem paz social. O que contestam é a ordem estabelecida. Mas o que é mesmo ordem estabelecida?

A professora, na escola, nos mandava "andar em ordem". A imprensa fala da "ordem de desfile das escolas de samba". Inspirando-se no Padre Feijó e em Augusto Comte, nossa bandeira adotou a divisa "ordem e progresso". Os grupos conservadores lutam "pela ordem estabelecida". Estas expressões não significam todas a mesma coisa. Ordem estabelecida inclui a idéia de imobilização, ao passo que ordem e progresso, andar em ordem, ordem de desfile, ordem de jogo, etc., evocam a idéia de dinamismo e de movimento.

Os grupos conservadores interesseiros não querem saber de distinções. Para eles ordem e progresso é a ordem estabelecida. Mas para o homem não há ordem estabelecida, porque ele está sempre mudando. Não se pode impedir que as coisas se transformem, que o homem caminhe, que a vida continue.

Não é fácil para os que detêm o poder discernir o momento em que o desejo de manter a ordem e o progresso se transforma insidiosamente num obscuro e interesseiro desejo de imobilizar a sociedade na ordem estabelecida. A espécie humana não é como um rebanho. Está obrigada a criar e recriar, continuamente, sua ordem, não apenas para sobreviver em segurança e paz, mas também para viver

melhor e resolver os desequilíbrios que ressurgem a cada momento.

A ordem estabelecida não poderá nunca satisfazer a todos. Sempre haverá alguns mais beneficiados e outros mais sacrificados. Não é algo acidental: é uma condição de toda organização humana. Mas também é próprio do homem procurar sem descanso melhorar a existência. Permanecendo organizada, toda sociedade requer esforço de progresso em todos os sentidos: progresso nos conhecimentos, progresso no modo de trabalhar, que acabam precisamente na contestação da ordem estabelecida e por exigir mudanças. Alguns se apavoram só com o pensamento de mudar. Mudar é partir para a aventura, é pôr em risco o próprio bem-estar e, em certas circunstâncias, a própria vida.

O mais freqüente é a defesa da ordem estabelecida por razões inconfessáveis. Os confortavelmente instalados não querem perder a segurança da fortuna e do poder ou o poder político e econômico. Se a sociedade se organiza numa economia socialista, o tubarão deixará de ser tubarão para ser um como os outros. Não poderá mais manipular somas enormes, colecionar grandes artistas; comprar jóias, iates, ter várias residências luxuosas e tomar uísque de 1.200,00 nem comer patê francês de 1.300,00 cruzeiros o quilo. É muito normal pois que entre em pânico quando sente que não poderá mais manter a ordem estabelecida e que se mostre atrevido e violento contra os que criticam a ordem estabelecida, enquanto ainda ele está forte.

Como possui o poder econômico e político, acaba pensando também que é proprietário da verdade, da justa concepção do mundo e da sociedade.

Leve a folha para ler em casa

9. EVANGELHO

C. Você já viu alguém sendo injustiçado, marginalizado, perseguido, maltratado, desprestigiado, caluniado e afastado de suas funções?

Cristo está continuando a sua Paixão neles.

D. Paixão e morte de Jesus Cristo segundo Marcos.

L1. Os principais sacerdotes, os chefes e os mestres do povo levaram Jesus amarrado até o governador Pilatos. Pilatos perguntou a Jesus:

L2. Você é o Rei dos judeus?

L1. Jesus respondeu:

D. Você o disse, eu sou!

L2. Faziam muitas acusações contra Jesus. Na festa da Páscoa, era costume soltar algum preso, a pedido do povo. Naquela ocasião, estava preso um criminoso chamado Barrabás. O povo começou a pedir para soltar um preso. Pilatos perguntou se eles queriam soltar Jesus. Mas os principais sacerdotes ataçavam o povo para pedir que Pilatos soltasse Barrabás em lugar de Jesus. Pilatos perguntou:

L1. Que vocês querem que eu faça com Jesus, que vocês chamam de Rei dos judeus?

L2. O povo respondeu gritando:

T. A cruz! A cruz para ele!

L1. Pilatos queria agradar ao povo. Por isso soltou Barrabás. Depois mandou surrar Jesus com chicote e o entregou para ser crucificado. Em seguida, os soldados levaram Jesus para um pátio interno. Juntaram todos os torturadores. Depois, vestiram Jesus com uma capa vermelha que era a roupa dos reis. Colocaram na cabeça dele uma coroa de espinhos. Caçoavam dele dizendo:

T. Viva o rei dos judeus!

L1. Batiam na cabeça dele com uma vara. Depois de judiarem e caçoarem muito dele, tiraram-lhe aquela capa vermelha e o vestiram com sua roupa. Depois o levaram para fora para ser crucificado. Levaram Jesus para o Monte Calvário. No caminho encontraram um homem que voltava do seu trabalho. Chamava-se Simão e era da cidade de Cirene. Os soldados obrigaram aquele cireneu a carregar a cruz.

L2. Chegando ao Calvário, queriam dar a Jesus vinho misturado com um calmante chamado mirra. Mas Jesus não quis tomar. Então pregaram Jesus na cruz. Eram nove horas da manhã. Puseram em cima da cruz uma tabuleta onde estava escrito: O Rei dos Judeus.

L1. Com ele crucificaram também dois criminosos: um à sua direita e outro à sua esquerda. As pessoas que passavam por ali caçoavam dele e o insultavam dizendo:

L2. Ah! Ele disse que era capaz de destruir o Templo e tornar a construí-lo em três dias! Desça agora da cruz e salve a si mesmo!

L1. Os sacerdotes principais e os mestres do povo também caçoavam, dizendo uns para os outros:

L2. Ele salvou os outros, mas não pode salvar a si mesmo! Vamos ver o Cristo, o Rei de Israel, descer agora da cruz. Se fizer isso, acreditaremos nele!

L1. Era meio-dia. Toda a terra ficou na escuridão durante três horas. Às três horas da tarde, Jesus gritou bem alto:

D. Meu Deus, meu Deus! Por que o Senhor me abandonou?

L2. E, dando um grito forte, morreu.

(Pausa... Ajoelhados vamos pensar...).

O principal soldado romano que estava na frente da cruz, vendo Jesus morrer, assim falou:

T. "Verdadeiramente este homem era filho de Deus!"

D., L1 e L2. No Cristo que sofre / nós descobrimos a realidade de hoje. / A humanidade crucificada / espera a ressurreição. / Nós temos certeza / de que a morte de Jesus / teve valor muito grande / e foi útil e necessária para nós. Por essa morte / nós vamos nos libertar / e ganhar uma vida nova.

10. PROFISSÃO DE FÉ

CREDO

Creemos, Senhor, que salvarás o teu povo! Creio em Deus Pai que conduz nossa gente / à procura de libertação!

Eu creio em Cristo. / Que salva nossa gente / de uma vida de escravidão! Creio no espírito. / Que nutre nossa gente / nos caminhos da libertação!

11. PRECES DA COMUNIDADE

Acabamos de ouvir a sentença de morte de Jesus. Este sofrimento se prolonga em nosso mundo. Por isso, agora, nós nos comprometemos a lutar contra todo mal, dizendo:

T. Senhor, salva-nos de todo mal.

C. Para que os cristãos de nossa Comunidade não pratiquem uma religião só de fachada, mas se comprometam no combate ao pecado que nos oprime, rezemos...

T. Senhor, salva-nos...

C. Para que os cristãos, com responsabilidade na sociedade, sintam que as pessoas não podem ser desrespeitadas como foi a pessoa de Jesus, rezemos...

T. Senhor...

C. Por todos aqueles que em nosso país e nos países Sul-Americanos sofrem as consequências por dizerem a verdade, rezemos...

T. Senhor...

C. Para que a cruz que muitos carregam não inspire aos cristãos apenas piedade mas vontade de lutar para acabar com o mal deste mundo, rezemos...

T. Senhor...

12. CANTO DO OFERTÓRIO

Recebe, Senhor:
da fé nossa adesão
da esperança a certeza
e do Amor nossa união!

Recebe, Senhor:
da História a construção
e a nossa caminhada
e a dureza da estrada!

Recebe, Senhor:
Os que ficam no caminho
Os que seguem confiantes
e os que marcham sozinhos!

Recebe, Senhor:
todo homem nosso irmão
que luta ao nosso lado
sem saber que sua luta
é, em CRISTO, SALVAÇÃO!

13. ORAÇÃO DAS OFERTAS

D. Este pão e este vinho representam, Senhor, os sofrimentos e apuros de teu povo na caminhada da libertação. Nós queremos nos unir aos sofrimentos de nosso Rei, Jesus, para que no mundo não falte a força da esperança no coração daqueles que sonham com uma terra livre.

T. Amém.

14. ACLAMAÇÃO APÓS A CONSAGRAÇÃO

T. Salvador do mundo, salva-nos, tu que nos libertaste pela tua morte e ressurreição.

15. CANTO DE COMUNHÃO

Nós queremos, Senhor,
Viver no teu amor!

Irmãos, aqui reunidos,
nós somos um povo:
O Povo de Deus!

Irmãos, aqui viemos
para celebrar:
a ESPERANÇA e o Amor!

Irmãos, o nosso Deus
nos leva a viver
a marcha da História!
Irmãos, o nosso Deus
se faz alimento
Na estrada da vida!

Irmãos, o nosso Deus
é caminho, é chegada:
é o DEUS ESPERANÇA!

16. ORAÇÃO FINAL

D. Obrigado, Senhor, por este encontro, pois hoje te descobrimos como nosso Rei. Não permitas que nos envergonhemos de ti quando no meio da multidão tu nos convocas para nos sacrificarmos pelo povo.

17. CANTO FINAL

CERTEZA NA FRENTE:

Certeza na frente.
A História na mão.
Em Cristo Jesus
nossa libertação.

Nosso Deus é o **DEUS ESPERANÇA**
que avança sempre, à frente do seu povo!
É ele que nos leva a caminhar...

Ele está no meio de nós!

Ele é o Deus da verdade
que clama por justiça e liberdade!

Alimentados da mesa do Senhor,
assim podemos caminhar de novo,
seguindo a Deus que vai à frente
do seu Povo!

18. DESPEDIDA

D. Cristo disse: "Todo aquele que é da
verdade ouve minha voz". Alguém diz:

"Feliz aquele que sabe juntar dinheiro,
porque ele terá muitos bens".
— Você está sabendo distinguir a voz de
Cristo da voz dos falsos cristãos?
Jesus disse: "Quem não está comigo, está
contra mim".

— Você também é contado entre os cris-
tãos que defendem com tal afincos seus
negócios que é incapaz de um sacrifício
em favor do Povo?

Cristo veio servir e não mandar.

— Qual sua preocupação: ter poder, pres-
tígio e mando, ou ser bom, generoso e
serviçal com todos?
(Bênção).

— Vamos com coragem, pois Cristo Rei
nos convoca para seu serviço.

CELEBRAÇÃO DA ESPERANÇA

1. CANTO INICIAL

Oi, louvai ao Senhor nosso Deus
Por tudo aquilo que Ele nos fez!

Ele nos reuniu no Amor do Cristo
E é sempre fiel a seu povo Santo!

Ele nos deu o seu próprio filho...
E cumpriu sua palavra de Salvação!

Ele está presente na nossa História
E caminha à frente do seu povo em
marcha!

Ele nos alimenta em nossa caminhada
E faz da nossa morte, Vida e Ressur-
reição!

2. CANTO PENITENCIAL

Eu canto a alegria, Senhor!
De ser perdoado no amor! (Bis).
Senhor, tende piedade de nós!

Cristo, tende piedade de nós!
Senhor, tende piedade de nós!

3. GLÓRIA

Glória ao Senhor da História!

Glória ao Pai que conduz o seu povo
pra libertação!

Glória a Cristo que tira o seu povo da
escravidão.

Glória ao Deus que nutre o seu povo na
vida de ação!

4. CANTO DE MEDITAÇÃO

Caminhando e seguindo a canção,
Vivamos a Verdade na Unidade!
Pois um dia o Cristo falou:
"Liberdade por causa da Verdade".

Vamos todos em busca do amor!
Do amor que será nossa alegria!
Pois um dia o Cristo falou:
"Amai-vos uns aos outros, cada dia!"

Se a justiça norteia tua ação,
Ao Reino de Deus chegarás.
Pois um dia o Cristo falou:
"Felizes os que lutam pela paz".

5. CREDO

Creemos, Senhor, que salvarás o teu povo!

Creio em Deus Pai,
que conduz nossa gente
à procura de Libertação!

Eu creio em Cristo,
que salva nossa gente
de uma vida de escravidão!

Creio no Espírito,
que nutre nossa gente
nos caminhos da Libertação!

6. OFERTÓRIO

Recebe, Senhor:
da Fé nossa adesão,
da Esperança a certeza
e do Amor nossa União!

Recebe, Senhor:
da História a construção
e a nossa caminhada
e a dureza da estrada!

Recebe, Senhor:
os que ficam no caminho,
os que seguem confiantes
e os que marcham sozinhos!

Recebe, Senhor:
todo Homem nosso irmão,
que luta ao nosso lado
sem saber que sua luta
é, em CRISTO, SALVAÇÃO!

7. ACLAMAÇÃO

SANTO, SANTO,
SANTO SENHOR,

Deus do Universo!
O céu e a terra proclamam a vossa glória.
Hosana nas alturas!
Bendito o que vem em nome do Senhor!
Hosana nas alturas!

8. ACLAMAÇÃO

Eis o mistério da Fé!
— Anunciamos, Senhor, a vossa morte
e proclamamos a vossa ressurreição.
— Vinde, Senhor Jesus!

9. CORDEIRO DE DEUS

Cordeiro de Deus que tirais o pecado
do mundo, tende piedade de nós (2 vezes).
Cordeiro de Deus que tirais o pecado
do mundo, dai-nos a paz!

10. APRESENTAÇÃO DO CORPO E SANGUE DE CRISTO

Felizes os convidados para a Ceia do
Senhor!
Eis o cordeiro de Deus, que tira o pec-
cado do mundo:
— Senhor, eu não sou digno de que en-
treis em minha morada, mas dizei uma
palavra e serei salvo.

11. CANTO DE COMUNHÃO

Nós queremos, Senhor,
Viver no teu amor!

Irmãos, aqui reunidos,
nós somos um povo:
O Povo de Deus!

Irmãos, aqui viemos
para celebrar:
a ESPERANÇA e o Amor!

Irmãos, o nosso Deus
nos leva a viver
a marcha da História!

Irmãos, o nosso Deus
se faz Alimento
na estrada da vida!

Irmãos, o nosso Deus
é caminho, é chegada:
é o DEUS ESPERANÇA!

12. CANTO FINAL: CERTEZA NA FRENTE

Certeza na frente
A História na mão
Em Cristo Jesus
nossa libertação.

Nosso Deus é o **DEUS ESPERANÇA**
que avança sempre, à frente do Seu Povo!
É Ele que nos leva a caminhar...

Ele está no meio de Nós!
Ele é o Deus da Verdade
que clama por justiça e Liberdade!

Alimentados da mesa do Senhor,
assim podemos caminhar de novo,
seguindo a Deus que vai à frente do seu
Povo!